

via lateral

história literatura arte cultura

nº 26 \$10,00



Frederick Sandys, *Maria Magdalena* (1859)

dinossauros e aves

O fóssil de um dinossauro semelhante a uma ave, que viveu na mesma época da que é considerada por muitos paleontólogos como a primeira ave — o *Archaeopteryx* — foi recentemente encontrado no sudeste da China. É o *Fujianvenator prodigiosus*, que vem se juntar às cada vez mais abundantes provas de que já no período Jurássico Superior existiam muitas aves diferentes. Os dinossauros podem ter-se diversificado em distintos tipos de aves e ocupado diferentes nichos ecológicos, segundo Hailu You, paleontólogo da Academia de Ciências da China. Os membros posteriores particularmente alongados do *Fujianvenator* sugerem que o seu modo de locomoção era correr ou vadear (chapinhar na água), e não, voar.



Fujianvenator prodigiosus, um dinossauro semelhante a uma ave, descoberto perto de Nanping, província de Fujian, no sudeste da China, segundo a visão de um artista. Crédito: Chuang Zhao.

Há cento e cinquenta milhões de anos, um jovem dinossauro semelhante a uma ave, do tamanho de uma galinha, ficou atolado num pântano no atual sudeste da China. Não conseguiu sair e sucumbiu. Seus restos fossilizados foram descobertos em 2022 e o infeliz dinossauro recebeu o nome de *Fujianvenator prodigiosus*. O fóssil mostra que se trata de um dos primeiros dinossauros semelhantes a aves do período Jurássico.

«É realmente um animal estranho, dentro do grupo das aves», diz Mark Loewen, paleontólogo da Universidade de Utah, em Salt Lake City, que não participou da descoberta. A criatura tinha pernas notavelmente esguias e provavelmente não era capaz de voar. E também parece divergir um pouco da teoria corrente sobre a evolução das aves.

Embora a maioria dos dinossauros estivesse praticamente extinta há 66 milhões de anos, os terópodes, o grupo de três garras e ossos ocos que incluía o *Velociraptor* e o *Tyrannosaurus rex*, tinha começado a evoluir para as aves atuais. Muitos paleontólogos consideram que a primeira ave foi um dinossauro com penas com 150 milhões de anos chamado *Archaeopteryx*, cujos fósseis foram encontrados na Alemanha.

Esse novo estudo vem a aumentar as evidências de que na época do *Archaeopteryx* os dinossauros já se haviam diversificado em diferentes tipos de aves, explica Loewen.

Hailu You, um dos autores do artigo publicado na revista *Nature* desse mês de setembro, afirma que, no período Jurássico, os dinossauros parecidos a aves podem ter ocupado diferentes nichos ecológicos. «A evolução inicial das aves é complicada», afirma ele.

O fóssil do *Fujianvenator* não tem cabeça nem cauda completa, mas o seu corpo e membros apresentam um conjunto de características similares às de outros dinossauros semelhantes a aves, como o comprimento relativo dos dedos e os pormenores da pélvis e das vértebras.

No entanto, não tinha muitas adaptações que favorecessem o voo. Por exemplo, as omoplatas eram curtas e, os dedos, mais apropriados para agarrar. O mais estranho, porém, são suas patas traseiras hiperalongadas, e o osso inferior da perna — a tíbia — que é duas vezes mais longo que o osso da coxa. Pernas tão longas indicam um corredor muito hábil, afirma Bhart-Anjan Bhullar, paleontólogo da Universidade de Yale.

Na área onde o *Fujianvenator* foi encontrado, os pesquisadores também descobriram uma variedade de criaturas do pântano a que chamam fauna de Zhenghe. Estes fósseis incluíam peixes, tartarugas e outros répteis aquáticos. Os pântanos eram um habitat até então desconhecido para as aves primitivas. Para saber se a longitude das pernas do *Fujianvenator* era uma adaptação à vida nos pânta-

nos ou se serviam para correr em alta velocidade, os pesquisadores teriam que examinar as extremidades dos dedos dos pés, para ver se havia sinais de membranas — mas esses dedos não estão bem conservados. Qualquer uma dessas hipóteses é igualmente possível, escreveram os autores do artigo.

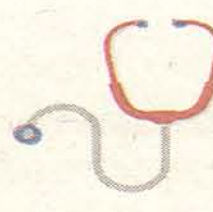
A descoberta do dinossauro foi pura sorte. Os pesquisadores encontraram o fóssil em um local perto de Nanping, na província de Fujian, onde nunca se tinham achados fósseis de dinossauros. E os exemplos de dinossauros do tipo semelhante a aves do Jurássico tardio são raros, porque os seus ossos ocos são frágeis e raramente se conservam muito bem.

Devido a essa escassez de fósseis, o *Fujianvenator* ajuda a preencher algumas lacunas na compreensão da evolução inicial das aves, diz Bhullar. «Mesmo nas suas fases mais precoces, os parentes fósseis [de dinossauros] mais próximos das aves estavam diversificando-se de formas interessantes». «Ainda há muitas, muitas coisas desse gênero por descobrir», afirma. «Por enquanto, apenas arranhamos a superfície da diversidade anatômica e do estilo de vida desses animais».

Artigo adaptado de 'Weird' dinosaur prompts rethink of bird evolution, escrito para a revista *Nature*, setembro de 2023, por Judi Coleman.

apoio cultural:





Clínica Materno Infantil Aliano

Dr. Ricardo Aliano
CRM/SC 3918 | RQE 1016 e 1017
Ginecologista - Obstetra

Dra. Magda Lena Aliano
CRM/SC 4050 | RQE 1018
Pediatra



Caetano Lummertz, 456 - Conj. 210/212 Centro Executivo Araranguá 99921-9918 3522-1556

via lateral

(48) 99130-1355

Siga nossas páginas nas redes sociais e ajude a divulgar essa iniciativa cultural.

via_lateral
revistavialateral

via lateral nº 26
circula a partir de agosto de 2023

Edição e arte: Wanderlei S. Gomes Jr. / Colaboram neste número: Léia Batista, Wanderlei S. Gomes Jr., Sonia Lupescu, Juarez Nardi, Ernesto G. Pomarello, Luna Stella / Artistas e pensadores homenageados: Millôr Fernandes, Joseph Roth, Arthur Schopenhauer / As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores e não refletem necessariamente a opinião do jornal. / As matérias não assinadas são de autoria da redação.

autor homenageado

três fábulas fabulosas

millôr fernandes

Millôr Fernandes (1923-2012) foi um dos mais criativos e iconoclastas dentre os cronistas de humor brasileiros. Crítico mordaz da política e da moral, Millôr soube retratar sem piedade, em sua extensa obra, publicada semanalmente em diferentes jornais e revistas (*O Cruzeiro*, *O Pasquim*, *Veja*, etc.), o Brasil em que viveu. Produziu milhares de textos de estilo inclassificável, pinturas, desenhos (como os desta página), escreveu e publicou dezenas de livros antológicos e escreveu, traduziu ou adaptou outras tantas obras de teatro. O texto que publicamos aqui pertence a um grupo de histórias narradas ao estilo das fábulas de Esopo, escritas e publicadas ao longo de várias décadas, e que Millôr chamou «Fábulas Fabulosas». Neste número de **Via Lateral** queremos prestar nossa homenagem a quem foi um genial «humorista-filósofo» ou, para sermos mais justos, um original filósofo com muito bom humor, um intelectual autodidata e fora dos padrões que não temos o direito nem devemos esquecer. ☞

PROVA DE AMOR (À MANEIRA DOS... TURCOS)

Na ensolarada manhã de abril, a jovem vinha andando pelo campo, trazendo à cabeça a bilha d'água fresca recém-apanhada no córrego. Tentava aqui e ali proteger-se (sem deixar de andar) nesta e naquela sombra das árvores que margeavam a estrada gramada. Assobiava uma melodia entre triste e alegre.

Eis senão quando, do alto da colina, num só galopar, desce, com a fúria que se acende raça ao meio-dia, um Fauno, completo e acabado, no corpo, no espírito e na flautinha. Facetamente pôs-se a acompanhar a senhorita no passo e na melodia. Ela tentou não lhe dar atenção, fingiu ignorá-lo, parou de assobiar, pensou em outra coisa. O Fauno então disse, num tom de voz de ardor e sinceridade incomparáveis:

«Tenho paixão por você. Amo-a como ninguém jamais amou ninguém. Não poderia viver sem você».

E a moça respondeu:

«Não vejo por que alguém se apaixonaria por mim dessa maneira, eu sem graça e sem beleza, quando logo ali atrás vem minha irmã, que é a mulher mais linda e encantadora de Bethgarem».

O Fauno olhou e não viu rivalma:

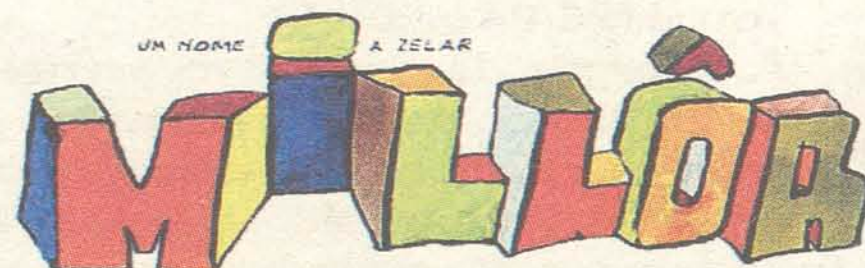
«Por que me engana dessa maneira?» perguntou. «Não vejo ninguém».

«Bem», respondeu a senhoritinha, «porque queria experimentar a sua sinceridade. Se você me amasse realmente não olharia para trás».

MORAL: MAIS VALE UM URUBU NA MÃO DO QUE UM FAISÃO INVENTADO PELA MALANDRA IMAGINAÇÃO DO URUBU.



«O Brasil tem um enorme passado pela frente.»



O NASCER DO CAPITALISMO (À MANEIRA DOS... AMERICANOS)

Um homem tinha uma fazenda perto de um rio. Certo dia, o rio começou a subir e ele percebeu que sua fazenda ia ficar submersa.

Transferiu toda sua família e todo seu gado e todos seus utensílios e móveis para o alto da montanha mais próxima. Havia, na fazenda, exatamente 284 quilômetros de cerca de arame farpado. Era um arame de sete farpas por metro, num total de sete mil farpas por quilômetro e, portanto, toda cerca somava 1.988.000 farpas. O homem arranhou um empregado e, sem comer nem dormir, colocou em cada uma dessas farpas um pedacinho de carne, uma isca qualquer. Quando terminou, ele e o empregado mal tiveram tempo de subir à montanha. Veio o dilúvio.

Durante noventa e seis horas choveu ininterruptamente. Durante noventa e seis horas o rio esteve três metros acima da cerca. Mas logo as águas cederam, e rapidamente o rio voltou ao normal. O homem desceu e examinou a cerca. Encontrou, maravilhado, um peixe pendente de cada farpa, exceto três. Ou seja, um total de 1.987.997 peixes. Havia tainhas, e havia robalos, corvinas, namorados, galos e muitas outras espécies que ele nunca vira.

Cada peixe pesava, em média, duzentos e cinquenta gramas, de modo que o homem tinha um total de 496.999.250 gramas de peixe fresco, ou seja 496.999 quilos de peixe. Isso tudo, vendido a 10 cruzeiros o quilo, vocês façam a conta e...

Ah, naturalmente o empregado foi despedido porque colocou mal as iscas nas três farpas que falharam.

MORAL: O OPERARIADO DEVE TER O MÁXIMO CUIDADO COM AS ISCAS DO CAPITALISMO.

CÃO! CÃO! CÃO!

Abriu a porta e viu o amigo que há tanto tempo não via. Estranhou apenas que ele, amigo, viesse acompanhado de um cão. Cão não muito grande mas bastante forte, de raça indefinida, saltitante e com um ar alegremente agressivo. Abriu a porta e cumprimentou o amigo, com toda efusão.

«Quanto tempo!»

O cão aproveitou as saudações, se embarafustou casa adentro e logo o barulho na cozinha demonstrava que ele tinha quebrado alguma coisa. O dono da casa encompridou um pouco as orelhas, o amigo visitante fez um ar de que a coisa não era com ele.

«Ora, veja você, a última vez que nos vimos foi...»

«Não, foi depois, na...»

«E você, casou também?»

O cão passou pela sala, o tempo passou pela conversa, o cão entrou pelo quarto e novo barulho de coisa quebrada. Houve um sorriso amarelado por parte do dono da casa, mas perfeita indiferença por parte do visitante.

«Quem morreu definitivamente foi o tio... Você se lembra dele?»

«Lembro, ora, era o que mais... não?»

O cão saltou sobre um móvel, derrubou o abajur, logo trepou com as patas sujas no sofá (o tempo passando) e deixou lá as marcas digitais de sua animalidade. Os dois amigos, tensos, agora preferiam não tomar conhecimento do dogue. E, por fim, o visitante se foi. Se despediu, efusivo como chegara, e se foi. Se foi. Se foi. Mas ainda ia indo, quando o dono da casa perguntou:

«Não vai levar o seu cão?»

«Cão? Cão? Cão? Ah, não! Não é meu, não. Quando eu entrei, ele entrou naturalmente comigo e eu pensei que fosse seu. Não é seu, não?»

MORAL: QUANDO NOTAMOS CERTOS DEFEITOS NOS AMIGOS, DEVEMOS SEMPRE TER UM CONVERSA ESCLARECEDORA.

apoio cultural:

ES CONTABILIDADE
EDIO SILVEIRA
☎ (48) 3522 0034 ☎ 98444 0521

Dr. Ivan Holsbach
Pediatra
(CREMESC 2390)
☎ 99985-1495
☎ 3524-2483
Centro - Araranguá

SmartCell
Assistência técnica especializada
☎ 48 988448159
Bem em frente à prefeitura de Araranguá
@smartcellararangua

Maísa Melo
hipnoterapeuta
@maisamelohipnoterapeuta
☎ 99625 1337

alcidino
JOALHERIA E ÓTICA
☎ 3524-1633

outro dia

ernesto g. pomarello



Pierre Bonnard, Salle à manger à la campagne (c. 1947)

gotas de cera colorida
caem em volta da garrafa
sobre a mesa naquilo que deve ser
a sala
da casa
do homem que vende almôndegas congeladas
e outras coisas de comer
de
casa
em
casa

não comprei almôndegas nem nada
mas fui gentil e lhe perguntei
quanto custavam
as almôndegas
que, quem sabe
outro dia

me disse os preços de tudo
e eu, eu disse que hoje não queria nada
mas, quem sabe,
outro dia

ele se mata de tanto trabalhar e não
se mata

suponho que tem
um filho
ou uma filha
que espera em casa
e a vela colorida acesa na sala

me agradeceu pela atenção
eu nem sequer lhe disse
boas vendas, amigo
apenas segui o meu caminho
no sentido oposto ao caminho dele

horóscopo

luna stella

**Áries (21/03 a 19/04)**

Setembro traz oportunidades de crescimento profissional para os arianos. Esteja aberto a novas ideias e colaborações. Na vida pessoal, a comunicação clara é chave. Um antigo interesse pode ressurgir, trazendo um novo fôlego ao romance.

**Touro (20/04 a 20/05)**

A energia de setembro favorece a expansão dos horizontes dos taurinos. Viagens ou estudos podem estar em foco. No entanto, fique atento às finanças e evite gastos impulsivos. No amor, confie em sua intuição para tomar decisões importantes.

**Gêmeos (21/05 a 20/06)**

Este mês, os geminianos podem encontrar um novo equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Aproveite para se concentrar em atividades criativas e autoexpressão. Mantenha a mente aberta para novas amizades e oportunidades sociais.

**Câncer (21/06 a 22/07)**

Setembro traz uma fase de introspecção para os cancerianos. Cuidar da saúde emocional é essencial. No trabalho, confie em suas habilidades e busque reconhecimento. Na vida familiar, a comunicação empática pode fortalecer laços.

**Leão (23/07 a 22/08)**

Os leoninos podem se destacar no ambiente profissional em setembro. Aproveite as oportunidades para liderar e brilhar. No amor, demonstre apreço e compreensão ao parceiro. Cuidado com impulsos financeiros, mantenha um equilíbrio.

**Libra (23/09 a 22/10)**

Os librianos podem enfrentar decisões importantes em setembro. Mantenha a calma e considere todas as opções antes de agir. Nas relações, a comunicação aberta é fundamental para evitar mal-entendidos.

**Virgem (23/08 a 22/09)**

Setembro começa com um destaque especial para os virginianos, já que é o mês do seu aniversário. Este é um momento poderoso para refletir sobre o ano passado e definir metas realistas e alcançáveis para o próximo ciclo. Sua habilidade natural para a organização e atenção aos detalhes será um trunfo valioso para realizar essas metas.

No âmbito profissional, sua determinação e ética de trabalho serão notadas e recom-

**Escorpião (23/10 a 21/11)**

Setembro traz uma onda de energia positiva para os escorpianos. Aproveite para se conectar com os outros e fortalecer relacionamentos. No trabalho, sua determinação e habilidades serão notadas. Cuide da saúde física e mental.

**Sagitário (22/11 a 21/12)**

Os sagitarianos podem sentir um impulso de criatividade em setembro. Projetos artísticos e atividades recreativas são favorecidos. Nas finanças, evite gastos excessivos. Mantenha a mente aberta para novas ideias e perspectivas.

**Capricórnio (22/12 a 19/01)**

Setembro traz oportunidades de crescimento profissional para os capricornianos. Foco e disciplina serão recompensados. Na vida pessoal, dedique tempo à família e ao descanso. Lembre-se de manter um equilíbrio saudável entre trabalho e vida pessoal.

**Aquário (20/01 a 18/02)**

Os aquarianos podem se sentir mais conectados com a comunidade em setembro. Participar de atividades sociais e causas importantes pode ser gratificante. No amor, mantenha a comunicação aberta e autêntica.

**Peixes (19/02 a 20/03)**

Setembro traz uma nova clareza para os piscianos. É um ótimo momento para definir metas e visualizar o futuro. No trabalho, sua intuição e criatividade serão valorizadas. Cuide da saúde, especialmente através de práticas de relaxamento.

Lembre-se de que este horóscopo é apenas para diversão e entretenimento, e não deve ser tomado como orientação definitiva. Cada pessoa é única e suas experiências podem variar. Desejo a todos um mês de setembro cheio de crescimento pessoal e descobertas!

Luna Stella é colaboradora de Via Lateral

pensadas. Se houver projetos ou tarefas que você vem adiando, este é o momento perfeito para abordá-los. Sua capacidade de se concentrar nos detalhes e de oferecer soluções práticas será muito valorizada.

Na esfera pessoal, é essencial cuidar da sua saúde física e mental. Priorize o equilíbrio e o bem-estar, e considere a introdução de práticas de relaxamento, como meditação ou exercícios de respiração. Lembre-se de que equilibrar o trabalho e a vida pessoal é fundamental para manter a sua energia e a sua vitalidade.

literatura e cinema

joseph roth, o cronista da melancolia

sonia lupescu

Joseph Roth é uma figura única na paisagem literária europeia do século XX. Sua prosa delicada e deliciosamente poética, sua extrema sensibilidade para capturar os dilemas de sua época tornam suas obras não apenas leitura obrigatória, não apenas um espelho da turbulenta era em que viveu, mas uma das mais profundas e penetrantes incursões ao coração humano que já se escreveu.

Roth nasceu em 1894, em Brody, uma pequena cidade no leste da Galícia, então parte do Império Austro-Húngaro. A vastidão cultural e a diversidade étnica da região deixaram uma marca indelével em sua escrita. Desde cedo, esteve imerso em um mundo de contradições e complexidades políticas e culturais, uma experiência que se reflete em toda a sua obra.

A Primeira Guerra Mundial e o subsequente colapso do Império Austro-Húngaro lançaram Roth em um mundo de caos e transformação. Romances como *A marcha Radetzky* são testemunhos implacáveis da decadência de uma era e da luta dos indivíduos para encontrar seu lugar em um mundo novo e desconhecido.

A escrita de Roth, porém, transcende as fronteiras geográficas e temporais. Suas personagens enfrentam dilemas eternos e universais. Em *A Lenda do Santo Bebedor*, por exemplo, o protagonista Andreas, um mendigo incapaz de cumprir uma promessa aparentemente singela, personifica a busca do indivíduo pela redenção em meio à desolação urbana moderna.

A melancolia é uma característica distintiva da escrita de Roth. Sua prosa é impregnada de um sentimento de perda e nostalgia, refletindo a sensação de deslocamento que permeou a Europa do entreguerras. O autor retrata um mundo em transição, onde as velhas certezas são substituídas pela desilusão e por um sentimento de indiferença misturado com cinismo, que acabaram conduzindo ao nazismo e à Segunda Guerra Mundial.



Fotograma do filme de Ermanno Olmi *A lenda do santo bebedor* (1988), baseado no belíssimo conto homônimo de Joseph Roth. O ator Rutger Hauer (que ficou famoso como o andróide de *Blade Runner*) interpreta magistralmente o alcoólatra Andreas.

A crítica social radical é também uma faceta central em sua obra. Roth não hesita em expor as injustiças e desigualdades que observa ao seu redor. Seja nas descrições detalhadas das vidas difíceis, às vezes trágicas, dos trabalhadores migrantes em *Tarabas* ou nas reflexões sobre a decadência da aristocracia imperial em *A marcha Radetzky*, o olhar penetrante do escritor lança luzes sobre as complexidades sociais e políticas de seu tempo.

A relação de Roth com a religião e a identidade judaica também desempenha um papel importante em sua escrita. Embora ele tenha se convertido ao catolicismo na juventude, sua herança judaica é uma influência palpável em muitas de suas obras, sobretudo em *Jó*, que

retrata a luta sem quartel de um camponês judeu na Galícia de sua infância.

A tragédia pessoal marcou a vida de Roth. O alcoolismo e a luta permanente para obter o pão de cada dia são sombras que, paradoxalmente, escurecem sua vida e iluminam sua obra. Não é casual que uma de suas obras mais famosas, o pequeno conto de *O santo bebedor*, levado ao cinema em [...] e protagonizado por [...] tratam precisamente de um alcoólatra impenitente.

Podemos talvez dizer que é essa luta cotidiana o que empresta a inimitável autenticidade de sua escrita. Roth não é um observador alheio, objetivo e distante, mas um participante ativo nas histórias que narra.

E também na história. Suas reportagens sobre o povo judeu ou a revolução russa provam que a inteligência e a capacidade narrativa de Roth não se limitavam à ficção. A descrição da Rússia revolucionária ao final da década de 1920 é sem dúvida de um valor historiográfico de primeira grandeza.

Sua habilidade em dar voz às ansiedades e inquietações de uma era em transição, sua genial capacidade de descrição poética, mesmo da cena mais insignificante, acenam como espantalhos em uma sociedade global que enfrenta desafios semelhantes. Sua escrita é um convite à reflexão, um lembrete de que, mesmo nas tempestades da história, a voz do indivíduo pode brilhar como a luz de um farol distante.

Enfim, Joseph Roth é mais do que um escritor austríaco: é um cronista da condição humana em todos os seus dilemas, em todas as suas nuances. Sua obra é um legado duradouro, um testemunho da força da literatura para captar (e descrever) a essência da vida humana em meio à adversidade e à mudança. ☞



Fotografia de Stefan Zweig, o mais popular escritor austríaco do entreguerras, que acabaria se suicidando em 1942, no Brasil, e o menos glamoroso Joseph Roth na esplanada do restaurante Italiano Almondo em Ostend, Bélgica, no verão de 1936. Essa fotografia é atribuída à secretária e futura esposa de Zweig, Lotte Altmann.

Sonia Lupescu é jornalista e escritora

o município de araranguá nasceu duas vezes (2)

wanderlei s. gomes junior



Mapa da província de Santa Catarina de 1872. O território catarinense incluía apenas a parte entre a serra e o litoral; no planalto, apenas Lages formava parte indiscutível da província. Grande parte do território atual do Estado estava já naquela época em litígio com a província do Paraná. Note-se também que o mapa está desenhado no sentido leste-oeste e não norte-sul, como é a norma atual, o que se fazia para evitar que o mapa tivesse mais altura que largura e, portanto, formasse um retângulo vertical. As quadrículas em verde são áreas coloniais ou reservadas para novas colônias, como é o caso da que se vê no território da freguesia do Araranguá.

Como vimos no número anterior de Via Lateral, a freguesia do Araranguá se separou da vila de Laguna, em 1871, para unir-se à freguesia do Tubarão e formar um novo município. A sede desse novo município era a antiga sede da freguesia do Tubarão, que nesse momento foi elevada a condição de Vila. Entretanto, Araranguá continuou a ser apenas uma freguesia.

O território do novo município ocupava todo o sul de Santa Catarina abaixo de Laguna. De fato, é como se a então província fosse adquirindo forma de cima para baixo, do norte para o sul. Lembremos que nessa época Santa Catarina era apenas o litoral do atual Estado, mais o extenso território da vila de Lages.

Embora o município fosse existir durante quase uma década, a aliança política que permitiu o seu surgimento não durou muito tempo. Aparentemente, a convivência havia sido mais prejudicial que proveitosa, ao menos para os araranguenses. Isso porque, antes da união, tanto a freguesia do Araranguá quanto a do Tubarão estavam submetidas de maneira idêntica à vila

de Laguna — o que permitia que pudessem ambas fazer seus requerimentos e reivindicações, em pé de igualdade, diante da Câmara Municipal de Laguna e do governo da província. Agora, a submissão à Tubarão — que devia ser sentida pela elite araranguaense como uma posição humilhante — fazia com que qualquer benefício concedido pelas instâncias superiores chegasse primeiro, ou até exclusivamente, à Tubarão. Seja como for, a nova situação estava, sem dúvida, causando fricções nas fileiras dos grupos mais influentes do Araranguá.

Assim, já em 1871 — apenas um ano depois da criação do novo município — uma comissão de araranguaenses que habitavam o chamado segundo distrito (isto é, o território situado à margem direita, ou ao sul, do rio Araranguá), solicitava à Assembleia Provincial Legislativa que a enorme freguesia fosse dividida em duas. Essa comissão estava encabeçada por Serafim da Cunha Filho — subdelegado de Araranguá desde fevereiro daquele ano e visto então como um dos homens mais ricos e poderosos de toda a região —, acompanhado por José Rodrigues de

Assunção Rosa, de quem não temos ainda outros dados.

É mais do que provável que a solicitação de divisão da freguesia espelhasse a correlação de forças entre as localidades que eram naqueles anos os seus dois principais polos econômicos e políticos do vale do Araranguá. Ou, dito de outra maneira, que fosse resultado das disputas locais entre os chefes do segundo distrito — cujo centro político-econômico era a povoação de Três Portos/Campinas/Araranguá — e os do primeiro distrito — cujo centro era a povoação de Rio dos Porcos/Campinas/Cangicás. Até mesmo o direito ao topônimo Campinas estava sendo disputado pelas duas localidades.

O fato é que a supremacia no Araranguá se concentrava nesses dois polos. O do rio dos Porcos estava talvez em decadência, mas somente com relação à crescente importância do polo de Três Portos/Araranguá, pois as duas décadas anteriores haviam sido de intensa atividade econômica e de grande enriquecimento para ambas localidades. De qualquer maneira, a proposta de divisão da freguesia expressava certa-

tá ligado?

via lateral kids & teen [n. 4]



NÃO É PRECISO SALVAR O PLANETA!

NÃO? Como assim? A gente não ouve o tempo todo que a terra está em perigo, que é preciso salvar o nosso planeta? Ouve, sim. Mas tá errado. É isso aí mesmo: **O PLANETA NAO PRECISA SER SALVO.** Não é preciso salvar o planeta. Se a sua preocupação é essa, fique tranquilo. A **TERRA**, a casa que habitamos, é capaz de se cuidar sozinha, não precisa de nossa ajuda, muito obrigado. Ela já passou por catástrofes de todo tipo,

MUDANÇAS CLIMÁTICAS,
aquecimentos globais,
choques com asteroides,

e para ela, a terra, isso não é nada. Ela resiste, **muda, esquentando, esfria...** e **CONTINUA.**

Uns poucos milhõezinhos de anos não são nada para um planeta. E a vida continua também. Desde que surgiu, há uns **3.500.000.000 (TRÊS BILHÕES DE ANOS)**, a vida sempre segue adiante,

MUDANDO SEMPRE, CONFORME MUDA O PLANETA.

MAS NÃO SE ACABA.

Então, o que é preciso salvar não é o planeta.

O que

PRECISAMOS SALVAR É A NÓS MESMOS,

aos seres humanos, **NÓS É QUE ESTAMOS EM PERIGO, NÃO A TERRA!** Frágeis como somos, não vamos poder viver no planeta se continuarmos a destruí-lo como temos feito até **agora.**

Claro que, enquanto isso, a gente pode acabar com muitas outras formas de vida também, com

outras espécies vivas

que não têm culpa nenhuma pelo que está acontecendo.

O certo, porém, é que aconteça o que acontecer, a terra vai continuar **RODANDO** pelo espaço com a mesma tranquilidade com que sempre rodou, e não está nem aí se o ser

humano não sabe se comportar.

Lembre-se: **O QUE É PRECISO SALVAR É A HUMANIDADE!** Proteger o meio ambiente, é nele e com ele que vivemos, e se ele muda demais, não sobrevivemos.

A terra existe há **4.500.000.000** (quatro bilhões e quinhentos milhões de anos), a vida existe há **3.500.000.000** (três bilhões e quinhentos milhões de anos), nossos ancestrais do gênero **HOMO**, ao qual pertencemos, há **2.500.000** (dois milhões e quinhentos mil anos), e nós, o **HOMO SAPIENS**, há uns **200.000 (DUZENTOS MIL ANOS)**, quase nada... A terra e a vida não precisam de nós para seguir adiante.

NÓS É QUE PRECISAMOS DA TERRA,

e precisamos dela do jeito que ela é hoje (ou até um pouco melhor), pois só assim poderemos sobreviver e continuar por algum tempo essa nossa

longa jornada através do **UNIVERSO.**

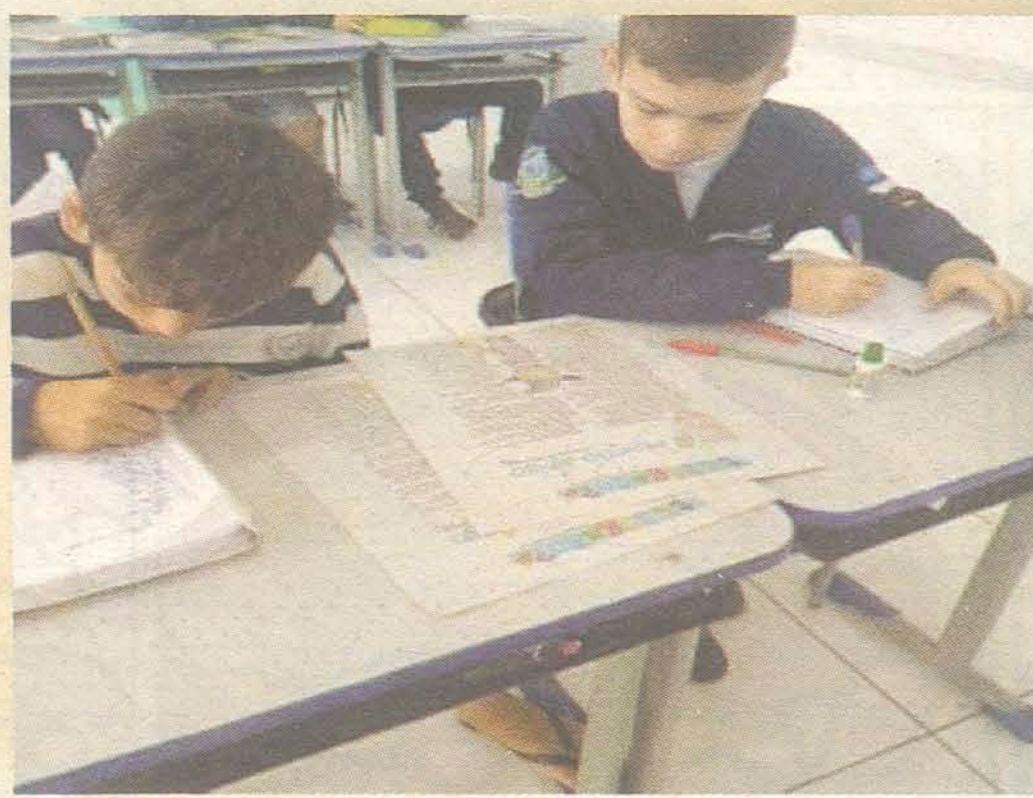
TA LIGADO NA ESCOLA

ALUNOS DO 6 ANO DA E.B.M. ALMERINDO MANOEL DA LUZ (ARARANGUÁ)

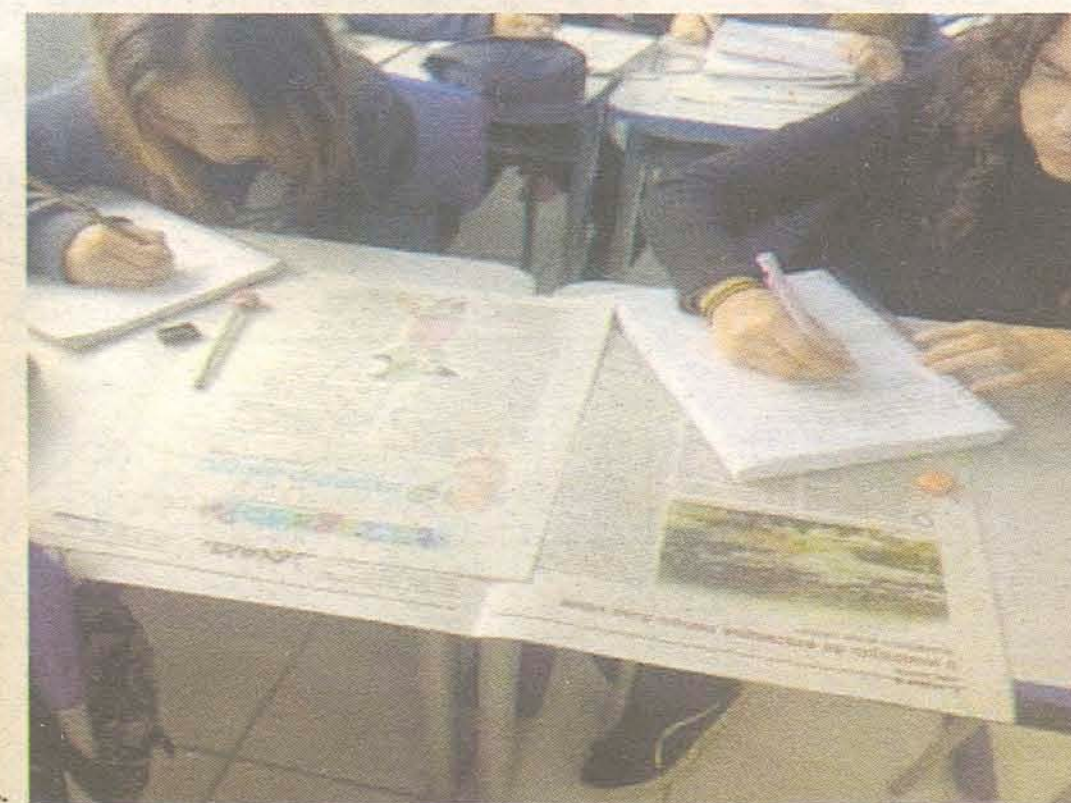
MARIANE E JAQUELINE



MIGUEL E MOISÉS



HELENA E KEMILY



A professora **Karin Andrea Ronconi** enviou essas fotos de alguns dos seus alunos trabalhando em aula com o **Tá Ligado?** Eles leram o conto de **Léia Batista (O espelho amigo)** e depois fizeram atividades. Gostaram muito!

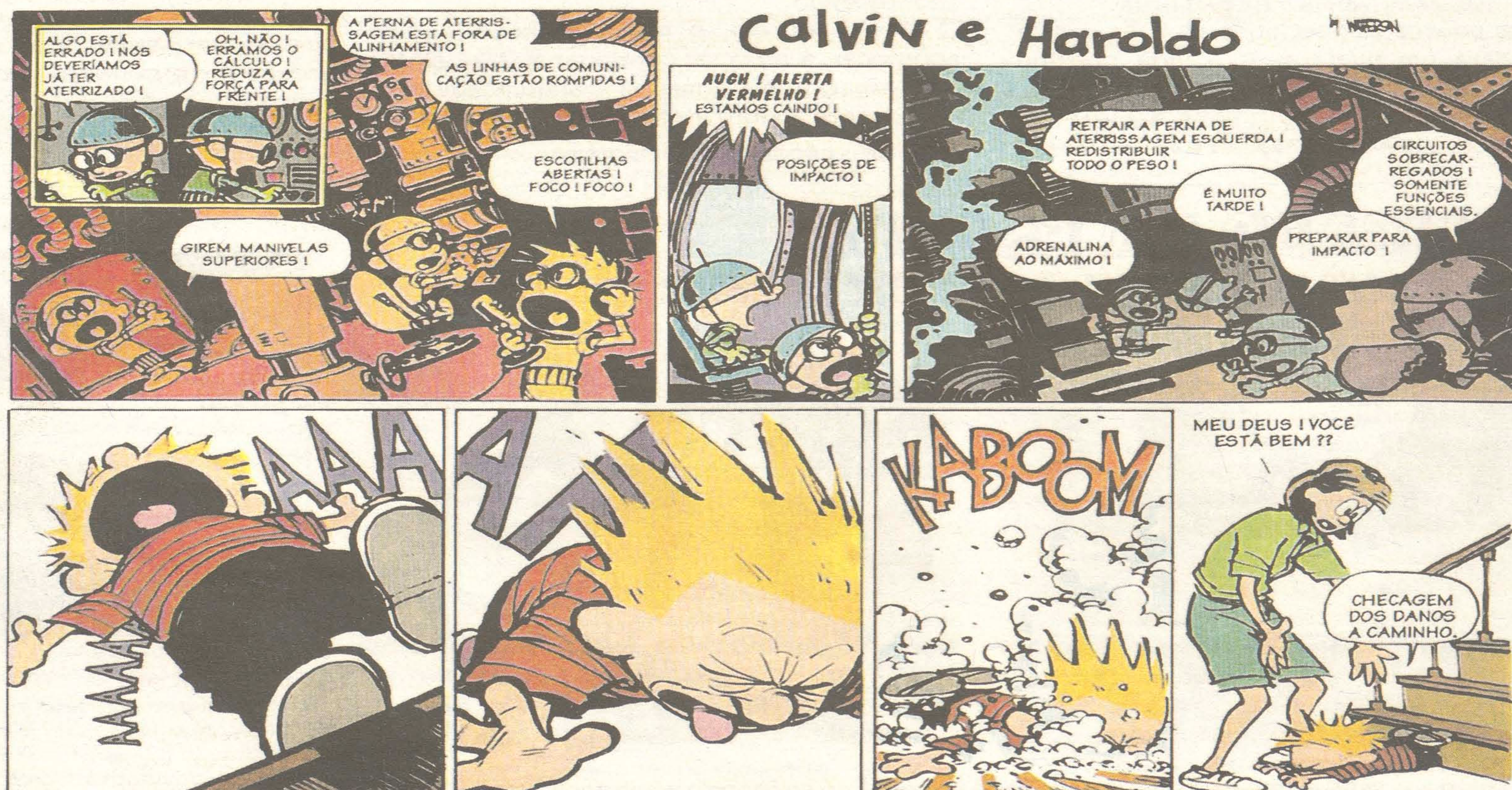
Você gostaria de ver sua foto e de seus amigos no Tá Ligado? É só enviar pelo whatsapp [48 99130 1355] ou pelo nosso e-mail [revistavialateral@gmail.com], que nós publicamos!

SUPERDESENHO PARA SUPERCOLORIR!

Este é um desenho de **María Jesus Contreras**, ilustradora chilena que já publicou para grandes revistas e jornais internacionais, como o The New York Times, Berliner Zeitung, The Telegraph e vários outros. Ela diz que suas obras apresentam cores fortes e estão repletas de lembranças de infância. Sobre o desenho que você vai colorir, ela diz que tentou criar uma imagem do «paraíso terrestre», um mundo habitado em harmonia pelos mais diversos seres vivos: «Isso me traz paz de espírito e, em certo sentido, me ajuda a espalhar empatia». Com certeza! E depois que você colorir, o desenho vai merecer uma moldura!!



HUMOR DO MUNDO EUA CALVIN E HAROLD BY WATERSON





o mágico folclore sul-catarinense

Folclore é como são chamadas as manifestações artísticas e culturais de um povo. A música e a dança, as festas populares, as crendices, o artesanato, os brinquedos e as brincadeiras, a linguagem e a literatura oral criadas, adquiridas e cultuadas por um grupo de pessoas que vivem em determinada região, formam parte da sua identidade cultural, o seu folclore.

Com certeza, você já ouviu falar de folclore e até já estudou e fez trabalhos na escola sobre isso. Se alguém perguntar o que você sabe sobre o folclore, saberá falar sobre o Boi de mamão, o Saci Pererê, a Mula sem cabeça, e outras lendas e costumes das várias regiões do Brasil, que se espalharam e ficaram conhecidos por todos.

Contudo, existem histórias e costumes que não são tão conhecidos assim, mas que fizeram parte da cultura de algumas regiões e se tornaram lendas respeitadas e, muitas vezes, temidas. Esse é o caso das histórias que contamos nessas páginas.

O Caracaxá

Os moradores mais velhos da comunidade de **Ilhas** (um balneário que fica às margens do rio Araranguá, um pouco antes da barra), que, muito tempo atrás, nas noites mais escuras, uma enorme bola de fogo atravessava o céu de um lado até o outro, assustando muita gente. À medida que o tempo passava, essa grande bola de fogo foi chamada de **Caracaxá**.

Alguns viam a luz ainda pequenininha, iluminando por onde passava como se alguém caminhasse com uma vela em cima da cabeça. Mas, de repente, ela crescia de tamanho e de intensidade, aumentava o seu brilho e clareava tudo, até por dentro das casas, fazendo «até mulher grávida desmaiar de medo». Mas, assim como misteriosamente aparecia, misteriosamente desaparecia no nada.

Já outros diziam que aquela luz já aparecia do tamanho de uma bola, lá no alto do Morro dos Conventos, e depois descia feito um cometa, em direção ao mar, fazendo com que muitos pescadores se atirassem na água e abandonassem as canoas, com medo do Caracaxá. Depois, enquanto fugiam, ainda podiam ver a bola de luz cair no mar, fervilhando, chiando como quando se apaga uma brasa na água, esguichando vapor para cima.



E assim como surgia, o Caracaxá sumia.

Embora ninguém pudesse explicar o que ele era, todos o temiam.

Não havia nenhum corajoso que encarasse o Caracaxá sem correr. Até caminhão de soldados («do tempo da guerra dos Maragatos», dizem eles, a revolução que estorou no Rio Grande do Sul e chegou até Araranguá na década de 1920), até os soldados saltavam do caminhão e se jogavam no mato quando vinha o Caracaxá.

Ninguém sabia explicar o que era aquela bola de fogo, nem o que ela queria, além de assustar as pessoas, se é que queria alguma coisa.

Alguns nativos da comunidade de Ilhas, porém, acham que era por causa dos corpos das pessoas que morriam na guerra e depois eram jogados na gruta que fica embaixo do Morro dos Conventos, perto das dunas (e que existe até hoje).

O fato é que com a limpeza da gruta e a construção do farol no alto do morro, o Caracaxá nunca mais apareceu. Assim como surgiu ele sumiu, mas deixou muita história para o povo lembrar e contar e divertir as novas gerações.

as bruxas

Antigamente, no litoral de Santa Catarina, era muito comum que as pessoas acreditassem na existência de bruxas. Geralmente, as mulheres mais velhas é que contavam as histórias, que iam se espalhando entre as filhas e as netas, e que os homens tratavam de acreditar e de proteger.

Segundo essas histórias, a bruxa podia ser qualquer mulher, uma vizinha ou qualquer moradora de quem ninguém desconfiava. Quando uma criança recém nascida chorava muito, não dormia e até emagrecia, costumava-se dizer que estava embruxada.

Mas as bruxas só conseguiam se aproximar das crianças que ainda não tinham sido batizadas, crianças que eram chamadas «pagãs». Por isso, os pais tratavam de batizar os filhos o mais rápido possível, com o incentivo da igreja e dos padres.

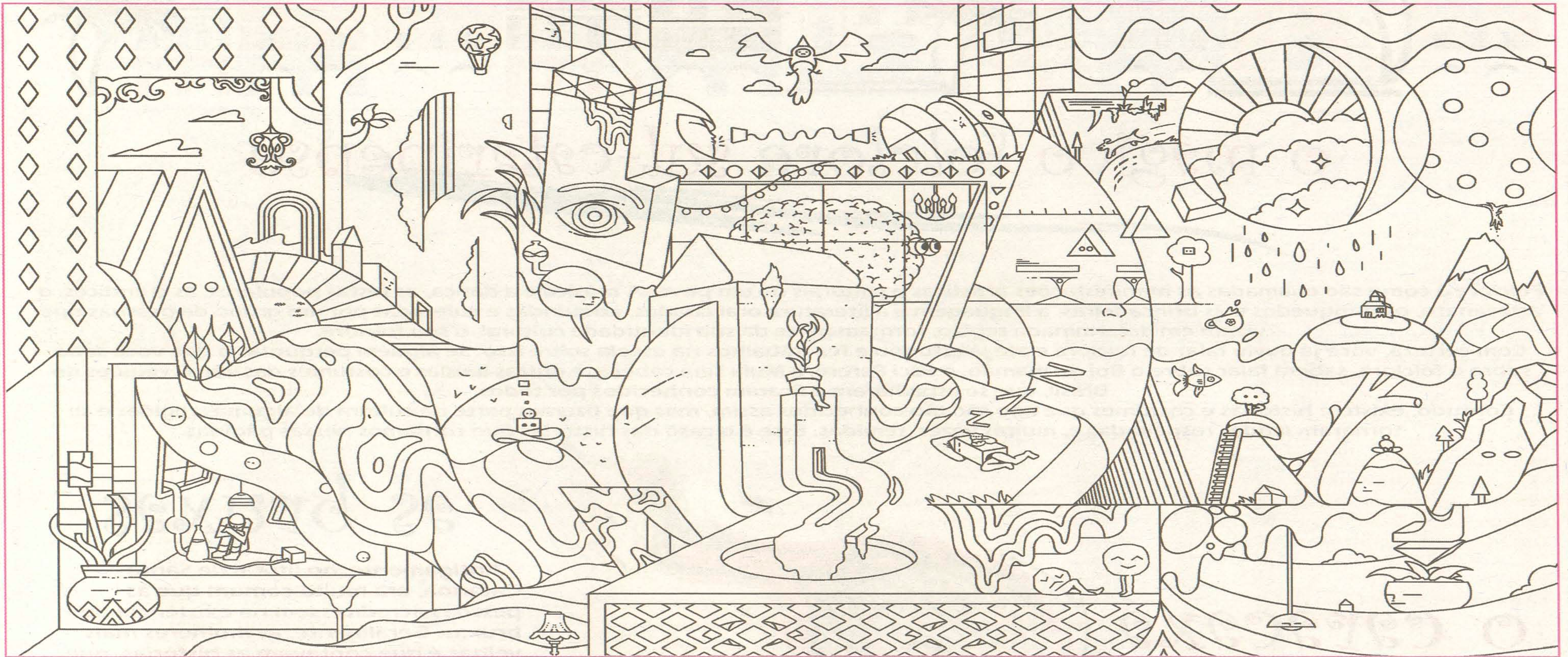
Para salvar a criança embruxada, era preciso procurar uma benzedeira, que sabiam rezas e simpatias para afastar as malvadas.

Claro, os pais da criança seguiam à risca o que elas diziam para fazer. E assim, depois de batizadas e protegidas, as crianças podiam crescer e viver sua vida tranquilamente.



**SUPERDESENHO
PARA SUPERCOLORIR!**

E este é um desenho de **Ori Toor**, ilustrador que mora em Tel-Aviv, Israel. Ele conta que durante a pandemia de Covid-19 precisou ficar confinado em casa, e desenhar o ajudou a superar e até a se sentir bem na solidão. Diz também que é uma pessoa muito introvertida, mas que seus desenhos querem ressaltar a importância de sair, de se encontrar com os amigos e de compartilhar bons momentos com eles. Não há dúvida de que são incríveis!



apoio cultural:

**A SEGURANÇA
NAS ESCOLAS
É DEVER
DE TODOS.**

Família, Comunidade Escolar
Governo Municipal, Estadual
e Federal e Segurança Pública

Família, Comunidade Escolar
Governo Municipal, Estadual
e Federal e Segurança Pública



ACOMPANHE



Acompanhe seus filhos: observe atitudes e comportamentos estranhos.

VERIFIQUE



Verifique periodicamente mochilas, gavetas e armários.

VIGIE



Jamais compartilhe
Fake News e informações
duvidosas.

MONITORE



Monitore celulares,
computadores e
redes sociais.



**Escola Segura
Comunidade Atenta
Família Tranquila!**



Secretaria de
Educação e Cultura

mente a tentativa de estabelecer um equilíbrio entre os dois grupos dominantes (ou, como se costumava dizer na época, «parcialidades») para, desse modo, deixar delimitada as respectivas esferas geográficas de influência.

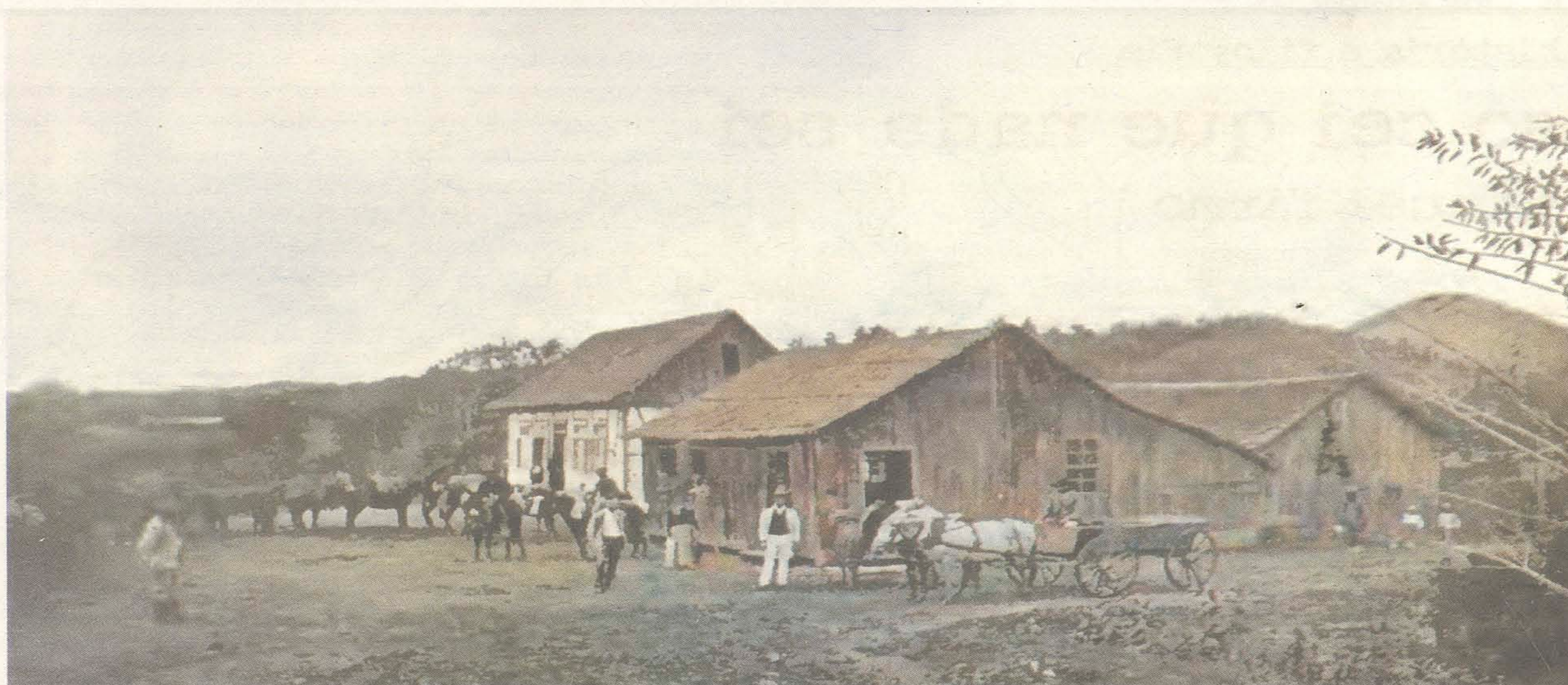
No entanto, não parece que houvesse unanimidade entre os próprios grupos quanto a essa questão. De fato, nesse mesmo ano de 1871, uma outra comissão de araranguenses — é de supor que mais heterogênea, com representantes dos dois distritos — apelava também à Assembleia Legislativa Provincial, mas não para dividir a freguesia e sim para desanexá-la do novo município de Tubarão e voltar a anexá-la ao de Laguna.

É ainda difícil saber, e mesmo especular, sobre as motivações dessa comissão, mas parece evidente que a união com Tubarão estava sendo menos proveitosa para Araranguá do que havia sido com a vila de Laguna. De qualquer modo, o fato é que, talvez por causa das diferenças internas a que nos referimos acima, ou talvez por lhes faltar o apoio de Tubarão ou de Laguna, as pretensões de ambos grupos fracassaram.

Por outro lado, embora nenhuma das duas iniciativas prosperasse naquele momento, é certo que permaneceram na mente dos que a promoveram, pois nove anos depois, em 1880, o projeto de reanexação seria de novo levada à Assembleia Provincial e, dessa vez, aprovada.

Em 1875, uma nova mudança fortaleceu ainda mais a vila de Tubarão: a criação de uma nova comarca, que separava juridicamente Laguna e o novo município. À medida que Tubarão adquiria importância política e administrativa, crescia o anseio araranguense por sua emancipação.

E assim, finalmente, pela lei nº 850, de 14 de janeiro de 1880, a freguesia do Araranguá era separada de Tubarão e voltava a fazer parte de Laguna, certamente com o apoio da cidade-mãe, que, desse modo, recuperava parte de sua influência no sul da província. Ao parecer — segundo as fontes históricas da época —, a reanexação visava enfraquecer o partido conser-



Armazém de uma colônia alemã de Santa Catarina no final do século XIX. Não conhecemos fotografias ou pinturas feitas no período imperial tendo o povo ou a paisagem da freguesia de Araranguá como motivo. No entanto, devido à semelhança das condições de vida em toda a província de Santa Catarina, essa imagem (e a que também ilustra essa página mais abaixo, à esquerda) nos dá uma ideia de como se desenvolvia a vida nos pequenos povoados, bem como da estrutura e dos recursos do comércio a meados do século XIX. Fotografia do livro de Franz Giesebrecht, *Die deutsche kolonie Hansa in Südbrasilien*, Berlim, 1899, lâmina entre as páginas 54 e 55.

vador de Tubarão, onde era dominante, excluindo do seu colégio eleitoral os conservadores araranguenses. Ao mesmo tempo, a reanexação trazia os votos liberais de Araranguá para o colégio eleitoral de Laguna, onde estes eram mais fortes, favorecendo o governo da província, que estava em mãos do partido liberal.

Essa transferência de jurisdição foi, sem dúvida, planejada de antemão pelos líderes políticos de Laguna e de Araranguá, pois foi a vinculação aos liberais o que possibilitou a emancipação de Araranguá poucos meses depois, em abril daquele mesmo ano. 

Wanderlei de Sousa Gomes Junior é historiador, jornalista e escritor



Casa de um colono de Santa Catarina nas proximidades de um rio ou do mar. Grande parte da população do sul de Santa Catarina vivia em condições similares a essa, ao longo do litoral, em todo o século XIX. Gravura à bico de pena do livro de Franz Giesebrecht, *Die deutsche kolonie Hansa in Südbrasilien*, Berlim, 1899, p. 22.

Escravos

Precisa-se comprar dois escravos e dois escravas, que sejam fortes e saudáveis, na rua da Conceição n. 32.

Aluga-se um rapaz

proprio para todo o serviço, na praça do Brigadeiro Fagundes n. 10.

Preparado especialmente pelo farmacêutico
Háustino Horn
15 — RUA DO PRÍNCIPE — 15

GLYCEROLEO DE VASELINA

CHRYSOPIANICO

PODEROSO MEDICAMENTO EXTERNO
Infallível contra todas as afecções cutâneas

Preparado unicamente pelo farmacêutico
Háustino Horn
15 — RUA DO PRÍNCIPE — 15

NOVA INVENÇÃO PARA CERCAS



ARAME FARFADO

Seu todo de aço e galvanizado, resiste a toda a mudança de temperatura, chuva e ao fogo

Uma vez esticado não dá do nó. É de uma duração infinita! As cercas lombas de aço, torcidas entre os fios, impedem o acesso a qualquer animal!! Tem uma resistência de 1.400 libras de pressão!! Juntando-se a toda isto a praticidade de preço, ver-se-ha a sua superioridade sobre todo que se tem inventado para esse fim.

AGENTES PARA SANTA CATHARINA
H. W. Fison & C.
IMPORTADORES E COMISSARIOS
74 RUA DO PRÍNCIPE 74

Typ. de J. J. Lopes, rua da Trindade n. 2.

Compra, venda e aluguel de seres humanos, medicamentos infalíveis e novidades «tecnológicas» para o campo: o velho, trágico e já caduco, porém ainda vivo, regime de escravidão, se confunde, na publicidade dos jornais, com a «modernidade». Anúncio do jornal *O Despertador*, ano XVIII, nº 1.765, de 7 de fevereiro de 1880, Desterro (Florianópolis). Biblioteca Pública de Santa Catarina.

apoio cultural:

Câmara de Vereadores
de Araranguá.
**Trabalho e
Transformação.**



EM CADA AÇÃO,
A TRANSFORMAÇÃO
QUE O CIDADÃO DESEJA ACONTECE.

WWW.CMVA.SC.GOV.BR
f @CAMARAARARANGUA CMVA

 **CÂMARA DE VEREADORES DE
ARARANGUÁ**
De mãos dadas com a comunidade.

só sei que nada sei

manuel firmo

Diziam os antigos gregos que Draco, legislador ateniense do século VII a.C., havia instituído um código de leis tão severo que previa apenas um castigo para todos os delitos, do mais insignificante ao mais hediondo: a pena de morte. Dizem que certa vez um cidadão lhe perguntou:

—Como podes, Draco, condenar à morte tanto a um assassino como a um ladrão de galinhas?

Draco, impassível, respondeu:

—Em minha opinião, amigo, qualquer delito merece ser punido com a morte, pois o cidadão não deve nunca delinquir, mas como sou incapaz de conceber um castigo maior para os crimes mais graves, tenho que me contentar com aplicar a mesma pena para todos.

É por isso que hoje chamamos «draconianas» as leis ou regras exageradamente severas ou rigorosas.

A Atenas dos tempos de Draco era ainda um pequeno povoado de poucos habitantes, nada comparável à grande metrópole econômica e capital cultural do mundo grego em que se transformaria dois séculos mais tarde. Porém, nessa nova e poderosa Atenas da época clássica, urbanizada, democrática, culta, repleta de monumentos e praças públicas (*ágora*) onde multidões de filósofos, políticos, historiadores, médicos, dramaturgos e intelectuais de todo tipo se reuniam para conversar, a pena capital, embora continuasse a existir, poucas vezes era aplicada. A maioria dos atenienses era menos radical que o velho Draco, e preferia castigos mais proporcionais.

Justo ao terminar o glorioso século V a.C., Atenas foi derrotada na chamada «Guerra do Peloponeso», que durara cerca de trinta anos. Os vencedores, agrupados em torno a Esparta, impuseram duras sanções à cidade até então mais importante da Grécia (*Hélade*). Atenas mergulhou em um período de profunda instabilidade social e política. A liberdade de expressão, que caracterizara sua democracia, foi uma das primeiras vítimas do novo estado de coisas.

O caso mais célebre de repressão ao pensamento nessa época foi, sem dúvida, o do filósofo Sócrates, condenado a morte por ingestão de cicuta aos setenta anos de idade. Oficialmente,

Sócrates foi condenado por «cultivar falsos deuses» e por «corromper a juventude». Os motivos reais, no entanto, são mais complexos do que parecem à primeira vista e têm a ver, também, com as implicações políticas e sociais de sua filosofia e de seus ensinamentos. Mas, seja como for, o que estava em julgamento era o «estranho» comportamento de Sócrates, que naqueles conturbados anos costumava passear pela cidade (*polis*), debatendo com seus concidadãos, questionando os valores consagrados e os próprios alicerces da sociedade ateniense.



Acima, duas pinturas do século XVIII que tentam capturar o momento em que Sócrates ingere a cicuta, o veneno que o mataria, em meio aos lamentos dos seus discípulos. O quadro inferior (1762) é de Jacques Philip de Saint-Quentin; o do alto (1787), de Jacques Louis David. O desenho que ilustra a parte superior desta página é fragmento de um esboço feito pelo próprio David. A imagem central da página ao lado é obra do ilustrador James Heimer, que gentilmente permitiu sua reprodução em Via Lateral.

Sócrates não era um rebelde, muito menos um subversivo, mas aquele era um período de polarização social, os ânimos estavam exaltados e as decisões eram tomadas de maneira apaixonada e radical. Assim, a obsessão inquiridora do filósofo, sempre disposto a ir em busca da verdade, mesmo que ela o conduzisse ao abismo, acabou despertando a desconfiança e a ira de alguns cidadãos poderosos.

Durante o julgamento, Sócrates recusou-se a trair suas próprias ideias, e rejeitou a proposta de admitir a culpa para obter um veredito mais favorável, como desejavam seus inimigos e aconselhavam seus amigos. Muitos viram nessa atitude uma prova mais da arrogância do réu, o que acabou aumentando o número dos partidários de uma sentença condenatória.

O próprio Sócrates tentou explicar aos atenienses as causas do seu comportamento, que tanta indignação provocava entre eles. Contou-lhes que muitos anos antes, quando era ainda jovem, um amigo seu havia perguntado ao oráculo de Apolo, em Delfos, o mais importante de todos os oráculos da Antiguidade, se existia alguém mais sábio que ele. A resposta, disse, tinha sido negativa: conforme o oráculo, Sócrates era o mais sábio dos mortais.

—Mas eu —disse Sócrates ao jurado— nunca me considere sábio. Muito pelo contrário, sempre me julguei o mais ignorante dos homens.

Perplexo e impressionado pela resposta do oráculo, Sócrates passou então a interrogar a todos aqueles que afirmavam ser sábios, com a certeza de que não seria difícil encontrar alguém mais sábio que ele.

—Jamais pensei que essa busca fosse me tomar tanto tempo, senhores jurados. Estava convencido de que em seguida acharia quem desmentisse o oráculo. Qualquer pessoa é mais sábia que eu —insistiu o velho filósofo—, pois minha única sabedoria é saber que nada sei.

Desde que começara seu incansável esforço interrogatório, Sócrates discutira com inúmeros políticos (que, como se sabe, em Atenas abundavam), poetas, médicos, filósofos, escritores, artesãos e com todo aquele que se dispusesse a demonstrar-lhe sua sabedoria, mas a triste conclusão a que havia chegado era que

apoio cultural:

Colégio

MURIALDO

A EDUCAÇÃO
DO CORAÇÃO

MULTIPLICA
O BEM



Cursinho

MURIALDO

Redação e Linguagens

48 99985 3618

colégiomurialdoararangua

todos eles, apesar de realmente conhecer muito bem a ciência ou a arte a que se dedicavam, não eram realmente sábios:

—Pelo fato de dominar seu ofício —explicou ao tribunal—, consideravam-se sábios também em todos os outros assuntos, incluídos os mais difíceis e importantes, e esse erro acabava comprometendo até a sua sabedoria verdadeira.

O que ele fazia era apenas mostrar aos pretensos sábios, através de um método baseado em perguntas e respostas lógicas e dedutivas, que, embora pudessem ser de fato os mais hábeis e sábios em seus respectivos ramos de atividade,

O sábio que nada sabia não entendia que os demais preferiam acreditar que já sabiam tudo a ter que aprender o que ainda não sabiam.

No entanto, os mais jovens, muitos deles pertencentes a famílias ricas e importantes, gostavam de acompanhá-lo em suas peregrinações filosóficas. Uns para aprender, outros porque gostavam daquela vida um pouco rebelde e boêmia, outros por amor.

Foram esses jovens —entre os que mais tarde se encontraria também Platão— os que mais contribuíram para difundir a fama de que Sócrates era um grande sábio. Fama que ele rejeitava e da

Mas o fato é que, fosse sábio ou não fosse, Sócrates foi submetido a juízo e, apesar de sua excelente autodefesa, foi condenado a morte.

—Não é difícil, atenienses —disse então—, evitar a morte; bem mais difícil é evitar a maldade, que é muito mais rápida. Eu, que sou lento e velho, fui alcançado pela mais lenta, a morte; mas os que me acusam, como são vigorosos e ágeis, foram alcançados pela mais rápida: a maldade.

Aos que estimam sua história ou sua lenda, resta o consolo de saber que a penitenciária de Atenas, ao parecer, não era um lugar tão terrível,



com respeito à sabedoria enquanto tal, não eram sábios. E como o seu método obrigava aos adversários intelectuais a rever e questionar ideias que não passavam de preconceitos travestidos de verdade pela força da repetição, Sócrates acabava colocando-os contra as cordas. E isso, naturalmente, não lhes parecia nada divertido. Assim, ao longo dos anos, o número de seus inimigos e detratores não parou de crescer.

Mesmo sexagenário, o filósofo ainda se surpreendia de que as pessoas a quem interrogava, ao constatar que realmente não conheciam bem aqueles assuntos nos quais diziam ser especialistas (e com os quais provavelmente ganhavam a vida), em lugar de irritar-se consigo mesmos, como seria correto, irritavam-se com ele...

qual nunca se considerou merecedor. É certo que Sócrates admitia ter chegado a ser mais sábio do que aqueles a quem interrogara, mas isso era só porque *ele sabia que nada sabia*, enquanto seus adversários intelectuais *acreditavam saber alguma coisa*.

Os jovens discípulos, porém, não comparilhavam esse ponto de vista. Alguns pensavam que Sócrates, ao contrário do que afirmava, conhecia perfeitamente as matérias que discutia, e propagavam entusiasticamente a fama de sábio que o filósofo recusava. A popularidade que Sócrates chegou a adquirir em sua época é indiscutível. Virou até personagem de teatro na obra «As nuvens», de Aristófanes, o maior dos comediantes clássicos.

pois seus amigos podiam visitá-lo e ficar com ele durante muitas horas. Assim, cada dia, do raiar do sol ao anoitecer, sua cela se transformava num dos maiores centros de debate da cultura Atenas.

O dia em que seria executado não foi diferente. Seus discípulos e amigos, ansiosos para ouvi-lo e para acariciar suas barbas brancas pela última vez, já ao entrar viram que lhe tinham sido tiradas as correntes e os grilhões. Mas isso, apesar de confortável, era a confirmação de que aquele seria realmente o último dia que passariam junto ao seu mestre. Antes do sol se pôr, Sócrates teria que tomar a cicuta. Em meio à tristeza geral, o venerável filósofo que ia morrer era o único que se mostrava animado.

CONTINUA NA PÁGINA 10 [FILOSOFAR É APRENDER A VIVER]

apoio cultural:




Ricardo
JÓIAS & ÓTICA

 99833 9796
Av. Getúlio Vargas, 191



filosofar é aprender a viver

manuel firmo

[CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 9]

Sócrates sempre havia sabido sobrepor-se às circunstâncias adversas. Dizia-se que em sua juventude possuía uma resistência física tão admirável quanto sua integridade moral. No entanto, durante os debates que se travaram naquela última jornada —cujo tema, muito apropriado, era a imortalidade da alma—, o filósofo parecia mais místico do que costumava ser. Coisa que, por outro lado, não é de surpreender em um homem que se prepara para morrer.

Sob a atenta deferência de seus discípulos, Sócrates narrou um mito sobre o mundo dos vivos e o dos mortos e tentou demonstrar que as almas eram imortais e que as boas tinham um destino melhor que as más. Em alguns momentos, mais que persuadir os seus ouvintes, parecia estar buscando um consolo para si mesmo. No entanto, permaneceu firme e mais sereno que seus discípulos.

—Filosofar —concluiu— é aprender a morrer.

Quando Críton, velho amigo de juventude, perguntou-lhe em prantos de que maneira devia preparar seu funeral, Sócrates sorriu e o repreendeu carinhosamente:

—Amigos, não consigo convencer o Críton de que o Sócrates que eu sou é este que fala agora

com vocês, e não o montão de carne e ossos que ele verá, em breve, inerte e sem vida sobre essa laje. Por isso me pergunta como deve sepultar-me... Coragem, Críton! Convince-te de que só enterrarás meu corpo, não minha alma! E isso, meu amigo, podes fazer como for do teu agrado...

Quando aquele triste dia chegava ao fim, o condenado pediu para banhar-se.

—Não quero deixar às mulheres o desagradável trabalho de lavar um cadáver —explicou.

Logo, pediu ao carcereiro que lhe trouxesse a cicuta. Ainda teve ânimo para perguntar se podia verter um pouco do terrível líquido ao chão, como libação aos deuses. Mas o carcereiro se opôs:

—Melhor tomar até a última gota, Sócrates. Não será nada agradável ficar a meio morrer e ter que esperar que eu prepare uma nova dose...

Então, sem dizer mais nada, o filósofo ancião bebeu de um gole o veneno. Seus amigos, desconsolados, começaram a chorar e a se lamentar, mas ele os repreendeu e se deitou. Pouco a pouco o frio foi subindo dos seus pés ao resto do corpo. Sócrates se voltou para Críton e disse suas últimas palavras:

—Críton, não te esqueças de que devemos um galo a Esculápio.

— Me ocuparei disso, Sócrates — respondeu Críton. Depois perguntou: —Desejas algo mais?

Mas Sócrates já não respondeu.

Platão, que nos legou esse relato, preferiu omitir as contorções e os gemidos de dor que devem ter precedido o instante final. Preferiu deixar a imagem de alguém que placidamente se deita para dormir, e talvez tenha mesmo sido assim. Também nós, que o admiramos, preferimos imaginar, em lugar de um moribundo, o filósofo otimista e cheio de ânimo entrando no Hades, o mundo dos mortos, aonde dizia estar ansioso de chegar, e logo indo em busca daqueles ilustres e sábios homens do passado, Homero, Hesíodo e Sólon e tantos outros, para continuar com eles sua averiguação, indagando e perguntando aos habitantes de lá, como antes fizera com os de cá, «para ver qual deles era verdadeiramente sábio, e quais acreditavam ser sem ser realmente...»

Manuel Firmo é escritor e redator de Via Lateral.



Uma plácida jornada na «Academia», escola fundada e dirigida por Platão no século V a.C. Este desenho, de autor desconhecido, mas feito a partir de uma obra do pintor sueco Carl Johan Wahlbom (1810-1858), foi publicado na revista, também sueca, «Svenska Familj-Journalen» em 1879.

os diálogos de platão

Quem deseje se emocionar com o relato original dessa história só precisa ler os diálogos de Platão intitulados «Fédon» e «Apologia». Foi Platão (além de Xenofonte) quem nos legou a maior parte do que conhecemos sobre a vida de Sócrates, registrando por escrito o pensamento de quem fora seu maestro. É certo que, como escreveu Bertrand Russell (filósofo, matemático e prêmio Nobel), a respeito de Sócrates não sabemos se sabemos muito ou muito pouco, pois não é fácil separar suas próprias idéias das de Platão, mas também é certo que dificilmente podemos nos sentir tão intimamente próximos

de um personagem da Antigüidade como de Sócrates, e isso devemos sobretudo a Platão. Platão foi, provavelmente, o primeiro contista da história —e foi um excelente contista—. Seus «Diálogos» são tão agradáveis, comovedores e cheios de vida como só podem ser as histórias contadas por um grande escritor. E, ao mesmo tempo, possuem tanta profundidade filosófica que o matemático inglês Alfred Whitehead chegou a afirmar que «toda a tradição filosófica europeia se resume a pôr notas de rodapé na obra de Platão».



APOIE!

VIA LATERAL É ARTE, HISTÓRIA, CULTURA
R\$: 10,00



apoio cultural:

Diana Gomes
Psicóloga
CRP 12/01403

atendimento online
(48) 99928 5460

ABIMAR
SUPERMERCADOS
VAREJO E ATACADO



filosofia de bolso

aforismos para a sabedoria na vida

arthur schopenhauer

Cada dia é uma pequena vida: cada acordar e cada levantar-se da cama um pequeno nascimento; cada nova manhã, uma pequena juventude; cada deitar-se e cada adormecer, uma pequena morte.

Para refrear a fantasia, é também necessário não permitir que as passadas injustiças, e danos e prejuízos, e preterições, ou injúrias, etc., nos venham de novo à mente e nela se reconstituam. Desse modo acordamos a indignação, a cólera e outros sentimentos desagradáveis, que dormem há tanto tempo e só servem para nos envenenar. [...] se nos pusermos a ruminar sem parar até sobre as menores contrariedades que nos provieram dos homens e das coisas, repintando-as com cores vivas e aumentando-as, podem elas se transformar em um monstro que nos deixará irritados e intranquilos. Ao contrário, devemos receber prosaica e calmamente tudo quanto for desagradável, a fim de que isso se torne o mais fácil possível de suportar.

Vencer resistências é a suprema ventura da vida, quer sejam de natureza material, como nas ações e exercícios, quer de natureza espiritual, como no estudo e nas pesquisas científicas: essa luta e essa vitória nos deixam felizes.

Cada pessoa só pode ser para a outra o que esta é para ela.

Certos adultos são como as crianças, que se comportam mal quando muito mimadas. Por isso, nunca se deve ser excessivamente amável ou condescendente para com ninguém. Dificilmente perdemos um amigo, se lhe negamos um empréstimo; facilmente o perderemos, se o concedemos. Tampouco o perdemos se o tratamos de maneira um tanto orgulhosa e até displicente, mas sim pelos muitos afagos e atenções que lhe damos, que o tornam arrogante e exigente, a ponto de provocar a ruptura.

O principal meio de progredir na vida são as amizades e relacionamentos. Porém, se temos grandes capacidades, aptidões e talento, nos tornamos orgulhosos e pouco inclinados a lisonjear a que não os têm, e diante dos quais seria conveniente ocultar os nossos. Já a consciência de possuir capacidade, aptidão ou talento inferior age no sentido inverso: ela se dá muito bem com a modéstia, a generosidade, a complacência e o respeito; quer dizer, conquista amigos e protetores.

Não devemos contrariar a opinião de ninguém. Antes devemos pensar que, se quisermos tirar da cabeça alheia todos os absurdos em que ela crê, chegaríamos à idade de Matusalém sem avançar um centímetro.

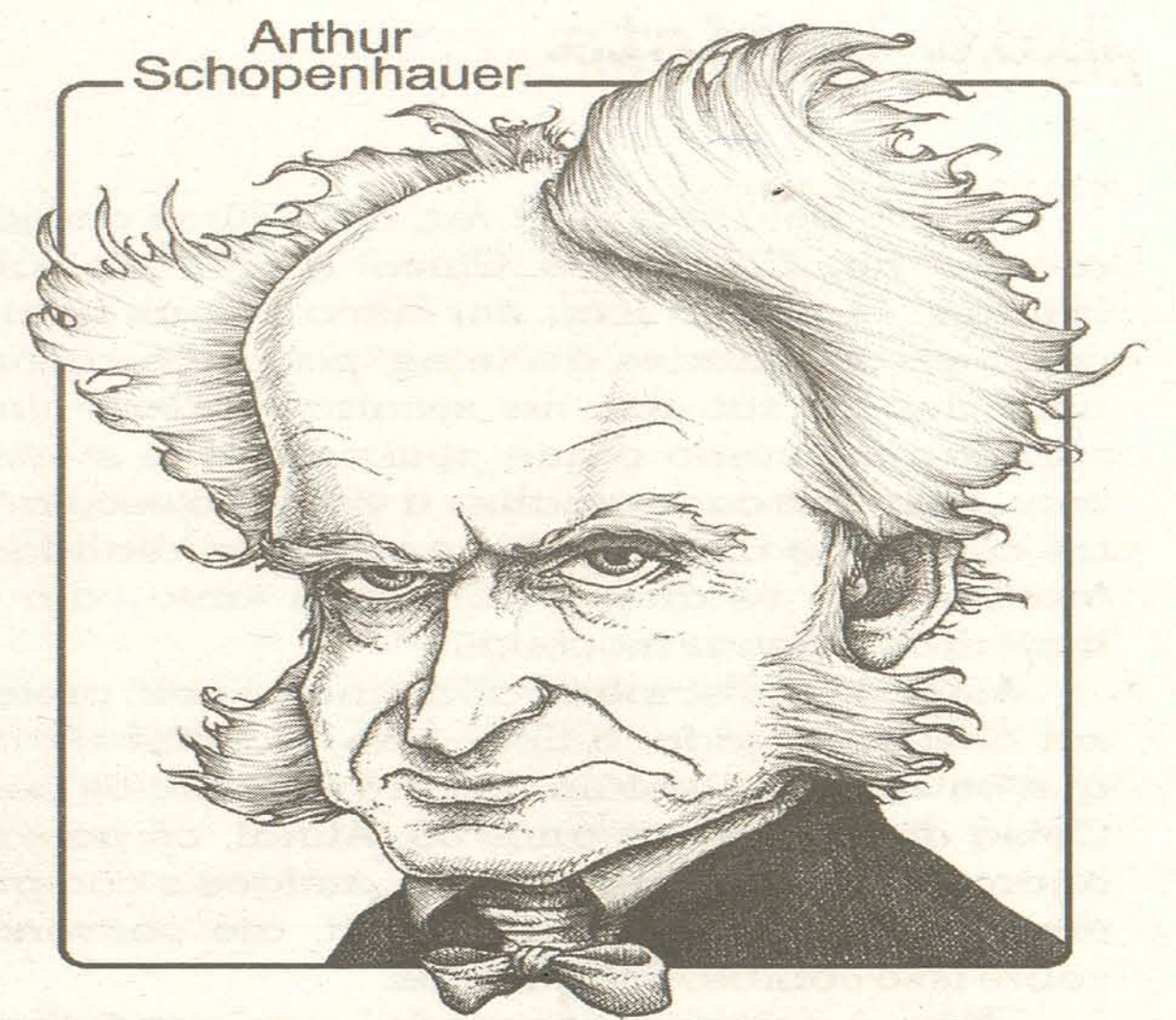
Do mesmo modo, abstenhamo-nos, em qualquer conversação, de fazer observações correccionais, mesmo as mais bem intencionadas. Ofender as pessoas é muito fácil; corrigi-las, impossível, para não dizer impossível.

Seja qual for a forma assumida pela vida humana, os seus elementos são sempre os mesmos; por isso é que ela é essencialmente igual em toda parte, em uma choupana ou na palácio, no exército ou no governo. Por mais que variem os acontecimentos, as aventuras, os casos de felicidade, ou de infelicidade, dá-se com elas o mesmo que com os produtos de uma confeitaria. As figuras são numerosas e variadas, no aspecto e no colorido, mas tudo é feito da mesma massa. Assim, o que nos aconteceu é muito mais parecido com o que ocorreu ao nosso interlocutor, do que este supõe ao ouvir contar. Os casos de nossa vida são semelhantes às figuras do caleidoscópio, onde pensamos ver algo diferente cada vez que o viramos, mas tendo, de fato, sempre a mesma coisa diante dos olhos.

Quando olhamos para a nossa vida pregressa e contemplamos, em um relance, a sua «emaranhada carreira de enganos», sendo forçados a ver muita felicidade malograda e muito desastre suportado, é bem possível que possamos exagerar nas autorrecreminações. Porém, a nossa vida não é apenas obra nossa, mas o produto de dois fatores, a saber, da série dos acontecimentos e da série das nossas decisões, que se interpenetram sempre, modificando-se mutuamente. Em ambas, o nosso horizonte é muito limitado, uma vez que não podemos prever, com grande antecendência, nossas próprias decisões nem, muito menos, os acontecimentos.

Em lugar de estarmos sempre e exclusivamente entretidos com projetos e cuidados para o futuro, ou de nos entregarmos às saudades do passado, nunca deveríamos esquecer que só o presente é realmente certo, ao passo que o futuro quase sempre é diferente daquilo que esperávamos, e que também o passado foi igualmente distinto. [...] A distância que, para os olhos, diminui o tamanho das coisas, aumenta-as para a imaginação. Só o presente é verdadeiro e real: ele é que é o tempo realmente preenchido, e nele, exclusivamente nele, está a nossa experiência. Portanto, deveríamos acolhê-lo sempre com alegria, desfrutando de toda hora livre como hora livre, suportável e isenta de contrariedades e dores imediatas. [...] Pois é insensato repelir ou envenenar um bom momento presente em nome de tristezas passadas ou preocupações com o que ainda está por vir.

É mais sábio trabalhar por conservar a saúde e desenvolver as faculdades pessoais do que por adquirir riqueza. O que não deve, contudo, ser mal interpretado, para se dizer que se pode descuidar da aquisição do necessário e conveniente. Mas a riqueza propriamente dita, isto é, uma grande superfluidade, contribui pouco para a nossa felicidade. É por isso que muitos ricos são infelizes: sentem-se desprovidos de cultura, de conhecimentos, e, assim, de qualquer interesse objetivo que os habilite a uma ocupação intelectual. [...] Não obstante, os homens se esforçam mil vezes mais por adquirir riqueza que cultura, quando é seguramente certo que aquilo que se é contribui muito mais para nossa felici-



Arthur Schopenhauer (1788-1860) foi um filósofo alemão de mente brilhante, ideias pessimistas e senso de humor afiado. Nasceu em Danzig (atual Gdansk, Polônia), estudou filosofia na Alemanha e foi profundamente influenciado pela filosofia de Immanuel Kant. Sua obra principal *O Mundo como Vontade e Representação*, argumenta que o mundo é dominado por uma vontade cega que gera sofrimento. Schopenhauer também abordou temas como a metafísica, a estética e a ética. Apesar de inicialmente não receber grande reconhecimento, sua filosofia ganhou popularidade após sua morte e influenciou notáveis figuras como Nietzsche, Freud e Wagner. Faleceu em Frankfurt, deixando um legado duradouro na história da filosofia. A obra *Aforismos para a Sabedoria na Vida*, da qual retiramos todas as citações desta página, é uma coletânea de reflexões perspicazes e incisivas sobre a natureza da existência humana. Publicada em 1851, a obra destila a filosofia do autor em pequenas, e não tão pequenas, pílulas de sabedoria, abordando temas como o sofrimento, a vontade, a felicidade e as relações humanas. Schopenhauer combina sua visão pessimista da vida com um toque de sagacidade e humor, oferecendo *insights* valiosos sobre como enfrentar os desafios da existência. Esses aforismos proporcionam ao leitor uma oportunidade única de explorar a mente brilhante e muitas vezes irônica de um dos filósofos mais influentes de todos os tempos.

dade que aquilo que se tem. Vemos assim a muito indivíduo em incessante atividade, solícito de manhã à noite, como a formiga, a fim de aumentar o patrimônio já existente. Excluindo o limitado conjunto dos meios que a isso conduzem, nada conhece: o espírito está vazio e é insensível a tudo mais. Os prazeres mais altos —os espirituais— não se aproximam dele, e em vão procura substituí-los por fruções passageiras dos sentidos, que se permite de quando em quando, à custa de pouco tempo mas de muito dinheiro. No fim da vida, e como resultado dela, tem diante de si, se a sorte lhe foi propícia, um grande acervo de dinheiro, que deixa então aos herdeiros para que o aumentem ou desperdicem. 63

é sobre isso

a história se repete léia batista

Assisti, pela segunda vez, a um filme que já é antiquinho: *Clube dos Cinco* (1985), de John Hughes. O roteiro foca em cinco jovens alunos com personalidades distintas, pagando castigo num dia de sábado na escola: escrever uma redação contando o que pensam sobre si mesmos. O drama contextualiza a situação escolar e, tal como nos dias atuais, o peso da realidade familiar que os alunos carregam junto com os materiais em suas mochilas.

Além da indisciplina abominada pelo professor desequilibrado, o filme trata da dificuldade que os cinco enfrentam no convívio com os pais. Coisa de jovens dos anos 80. Afinal, os pais de agora são muito mais atentos, amigos e compreensivos... Era o que eu achava, até conversar sobre isso com os meus alunos.

«Não é coisa do passado», me garantiram eles, praticamente em uníssono. «Não?! Mas, espera aí! As mães e pais de agora não são mais legais?» Os olhos e as cabeças não concordaram comigo. Os olhos miraram o chão, as cabeças balançaram de um lado para o outro... O que me deixou completamente sem graça e sem palavras!

Eu estava pronta a ter uma conversa com eles sobre o quanto os pais evoluíram, o quanto o modelo apresentado no filme da década de 80 estaria desatualizado. Pensei haver descoberto um objeto de estudo analítico para debater com os meus alunos jovens do século XXI, comprovando a evolução sócio cultural comportamental alcançada em vinte e poucos anos... Mas, para o meu espanto, descubro que muitas mães e pais de adolescentes e jovens dessa era gloriosa continuam aplicando aos filhos o modelo rígido e alienador do século passado!

Foi decepcionante perceber que a maioria das mães e pais continuam protagonizando o papel de gestores da família e ainda vêem os filhos



Os cinco protagonistas do filme em imagem do cartaz de promoção.

como produtos desenvolvidos e criados por eles para suprir as suas expectativas, e sa-nar as próprias frustrações. A mim, que achei o filme antiquado no quesito relação familiar, ficou um gosto amargo na boca.

Trazer seres humanos ao mundo continua sendo uma missão em que mulheres e homens ainda fracassam. Continua-se mantendo o foco na rebeldia, na transgressão, na desvairada vida dos jovens... Coloca-se a culpa no sistema, na moda, na internet, nas escolas, nas más companhias, e até em ideologias partidárias, enquanto mães e pais saem incólumes, impunes e até vitimizados.

A irresponsabilidade de trazerem filhos ao mundo sem estar preparados para ouvi-los, atendê-los, guiá-los e apoiá-los em suas escolhas, sejam elas quais forem, continua sendo o núcleo do trágico drama familiar: o adoecimento

emocional e psicológico de crianças, adolescentes e jovens.

A estratégia familiar continua sendo a subjugação, o distanciamento e a negação dos filhos, vistos como transgressores, ditos rebeldes. Reação essa causada pela frustração de pais e mães que não conseguiram gerar seres idênticos a si, ou no padrão por eles desejado.

Espantosamente, embora o tempo passe e muitas coisa evoluam, a história das famílias fracassadas ainda se repete, tal qual no filme do século passado. ✎

Léia Batista é escritora, diretora e professora de teatro

enologia

profissão sommelier juarez nardi

É conhecido como *sommelier* o indivíduo que nos ajuda a explorar o universo que um vinho pode oferecer. A palavra tem origem francesa, e é utilizada desde a Idade Média. Eram conhecidos por *sommeliers* as pessoas que transportavam vinhos para castelos e palácios.

No Brasil, a profissão de *sommelier* está regulamentada desde 2011. Além de vinhos, os *sommeliers* da Idade Média transportavam outras bebidas, como hidromel, licores e cerveja. Além disso, também as experimentavam, não só para explicar as características das bebidas, mas também para verificar se não estavam envenenadas, algo comum na época.

Os nobres tinham medo de ser envenenados devido aos conflitos por território e poder. Nos livros de história é uma das mortes mais comuns de se encontrar entre imperadores, reis e outras pessoas de importância social. Portanto os degustadores oficiais das cortes desempenharam papel que hoje caberia ao *sommelier*. No entanto, como eles só experimentavam pequenas porções, mesmo no caso de que a bebida contivesse veneno, nem sempre sofriam seus efeitos. Isso podia ser mortal para algum nobre que, se bebesse muito, poderia acabar envenenado.

A definição de *sommelier*, como se conhece atualmente, surgiu no final do século XVIII, um momento em que restaurantes de grandes centros co-



mo Paris ou Londres, além de bistrôs e similares, passaram a empregar os serviços dos *sommeliers* no dia a dia, proporcionando a apresentação e análise da bebida, principalmente de vinhos, aos seus clientes.

Desde então, o *sommelier* é um consultor em vinhos que, antes de vender, procura fazer uma leitura da pessoa e considerar o momento em que ela pretende apreciar o vinho, para só depois selecionar (apresentar o rótulo) que melhor se encaixa ao paladar e à situação.

O *sommelier* explora o vinho em todo o seu universo, incluindo a montagem de cartas de bebidas e gestão de adegas. O título mais alto para um *sommelier* é o certificado da *Court of Master Sommelier*, de Londres. No mundo inteiro, somente 300 *sommeliers* têm esse título. Os candidatos são submetidos a provas que incluem degustação às cegas, dentre outras formas de avaliação. O Brasil é um dos países que mais oferecem, desde a década de 1980, cursos de formação sobre vinhos. ✎

Juarez Nardi é professor, jornalista, cinéfilo e sommelier